



## A PARTICIPAÇÃO DOS FREIS DOMINICANOS NO REGIME MILITAR BRASILEIRO

Priscila Farias dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

Durante o Regime Militar Brasileiro, mais precisamente ao final da década 60, um grupo de freis dominicanos da Igreja Católica no Brasil fez oposição ao governo, apoiando e ajudando o movimento guerrilheiro ALN, liderado por Carlos Marighela. A resistência que esse grupo fez ao regime foi auxiliando os perseguidos políticos a fugirem do país. Mas mesmo assim eles não tiveram o apoio da cúpula da Igreja Católica, que desde o início apoiou o governo militar. O envolvimento dos freis com a ALN culminou na prisão dos mesmos e num grande escândalo no seio da Igreja Católica brasileira.

**Palavras-chaves:** Ação Católica, Freis Dominicanos, Marighela, Aliança Libertadora Nacional, regime militar brasileiro.

O presente artigo tem como objetivo analisar e discutir as causas que levaram um grupo de freis da Ordem dos Dominicanos a se opor ao regime militar brasileiro, inclusive apoiando e auxiliando a Aliança Libertadora Nacional. Para isso é necessário primeiramente entender como estava estruturada a Igreja Católica no Brasil na década de 1960 e quais eram as suas relações com o poder.

Também é necessário salientar que atuação política e social dos dominicanos no Brasil não se deu apenas a partir do golpe de 1964, na verdade muitos de seus membros eram oriundos de grupos da Ação Católica, que foram criados ao final da década de 1940, onde já se pode observar o início da divisão no catolicismo brasileiro. Dentro da esquerda católica brasileira esses frades podem ser vistos como uma dissidência, pois eles foram os únicos ligados diretamente à Igreja Católica que se envolveram com um movimento guerrilheiro e por isso eles tiveram tanta importância na história brasileira desse período.

### O início da divisão da Igreja Católica no Brasil

Na década de 1960 houve um intenso crescimento dos movimentos sociais em vários setores da sociedade brasileira. Um desses setores é a Igreja Católica, que até então havia quase sempre adotado uma postura conservadora frente à política. No entanto, desde o final da década de 1950 ela já se encontrava visivelmente dividida. Enquanto surgia na Igreja grupos ligados à esquerda, a alta hierarquia ainda se encontrava em geral ligada aos grupos

---

<sup>1</sup> Aluna de pós-graduação em História do Brasil Contemporâneo na Faculdade Porto-Alegrense – FAPA.

conservadores da sociedade. Isso mostra que a Igreja Católica já não era mais uma “instituição monolítica”<sup>2</sup>.

Antes disso em 1948, a Ação Católica (fundada durante o governo Vargas e coordenada por Dom Sebastião Leme) propõe um novo modelo para a organização institucional da Igreja. Surgem grupos ligados à Ação Católica (AC), chamados de “Juventudes Católicas” (JCs), a primeira a ser criada nesse mesmo ano é a Juventude Operária Católica (JOC). Em 1950 surge a Juventude Agrária Católica (JAC), depois a Juventude Estudantil Católica (JEC), seguindo a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Independente Católica (JIC).<sup>3</sup> Carvalho apresenta algumas explicações porque a Igreja incentivou a criação desses grupos:

A Igreja Católica começa a abandonar sua tradicional posição política reacionária e investia no movimento estudantil, no movimento operário e camponês, na educação de base. Seu braço mais politizado era a Ação Popular (AP), um desdobramento da Juventude Universitária Católica (JUC).<sup>4</sup>

Os grupos da Ação Católica recrutaram muitos estudantes, a maioria oriunda da pequena burguesia. Os jovens encontravam nesses grupos um espaço para discutirem sobre questões sociais. A partir do ano de 1960 grupos como a JUC e a JEC se radicalizam e decidem romper com a AC, eles passam a atuar então na Ação Popular (AP), pois o espaço dessa não servia apenas para debates e sim para participação política. Seguindo a descrição feita por Frei Betto a AP era o seguinte:

Nascera por iniciativa da JUC, no início dos anos 60. Em seus primórdios apresentara-se como uma alternativa entre o capitalismo e o comunismo. Como a Ação Católica atuava por mandato direto dos bispos – o que limitava a inserção de seus militantes na política, já que a hierarquia não podia responder pelas opções partidárias e ideológicas que eles assumiam -, a Ação Popular surgiu como o instrumento independente adequado à atividade política. Às vésperas do golpe militar, a AP começou a superar sua origem reformista, aprofundando-se sempre mais na teoria marxista e abandonando a idéia de que a fé cristã é matriz de uma filosofia da história. No governo João Goulart, alguns de seus dirigentes ocuparam postos importantes, mormente no Ministério da Educação. Após o golpe, a AP passou à clandestinidade e seus militantes ficaram na mira dos órgãos de segurança.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> STEPAN, Alfred. O Impacto das Crises Políticas e Econômicas sobre as Forças Armadas: Expansão dos Temores Institucionais, 1961-1964. in: Os militares na política. Rio de Janeiro: Ed Artenova, 1975. *apud* Einaudi, Fleet e Maullin, 1969, p. 114.

<sup>3</sup> MOURA, Antônio Carlos... [et al.]; coordenação Helena Salem. Ação Católica: desenvolvimentismo X socialismo. In: A Igreja dos oprimidos. – São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981, pp. 21-22.

<sup>4</sup> CARVALHO, José Murilo. Marcha acelerada (1930-1964). In: A cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.138.

<sup>5</sup> BETTO, Frei. Batismo de Sangue. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed., 1982, p. 86.

Jovens que participavam da AP, passam a fazer alianças e disputar espaço com estudantes ligados a outros partidos políticos. A Revolução Cubana ocorrida em 1959 acaba estimulando a organização de diversas agremiações entre os jovens católicos.<sup>6</sup> Como aponta Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis: “Desde antes de 1964, no meio universitário, o Partido Comunista Brasileiro disputava espaço com os agrupamentos católicos de esquerda – a Juventude Universitária Católica (JUC), e a partir de 1962, a Ação Popular (AP)”.<sup>7</sup>

Em São Paulo e em Minas Gerais, esses movimentos estavam mais presentes entre o meio estudantil, pois contou com o apoio de ordens religiosas, como a Ordem dos Dominicanos. Vários jovens que participaram nos grupos da AC na década de 50 e no início da década de 1960, acabaram ingressando na Ordem dos Dominicanos durante os anos 60.

### **O impacto do golpe militar de 1964 na Igreja Católica**

O episcopado brasileiro foi um forte opositor ao governo de João Goulart. O principal temor da Igreja Católica era a reforma agrária, por isso ela se uniu a partidos como o PDS, a UDN e a outros grupos conservadores, que receberam investimentos da embaixada norte americana e de empresas multinacionais para denunciar em passeatas e manifestações que o governo era subversivo e que queria implantar o comunismo no país.<sup>8</sup>

A maioria dos bispos brasileiros apoiou o golpe militar de 1964, apenas uma minoria do episcopado que discordou, mas esses nem conseguiram espaço para se manifestar, pois se encontravam isolados pelos seus pares,<sup>9</sup> inclusive a CNBB, assim que foi deposto João Goulart, entregou uma carta de apoio aos militares, afirmando que reconheciam o seu governo.<sup>10</sup> Isso porque alguns padres pertencentes à alta hierarquia eclesiástica estavam diretamente ligados aos militares, pois eram freqüentadores dos cursos promovidos pela Escola Superior de Guerra (ESG).<sup>11</sup>

Embora os militares tivessem o apoio da alta hierarquia eclesial, o mesmo não acontecia com a baixa hierarquia da Igreja, pois esses últimos desde o golpe militar se colocaram contra o governo. Por isso muitos membros da AC e da AP acabaram sendo levados à prisão, pois para os militares não havia diferença entre esses dois grupos, tanto

---

<sup>6</sup>. STEPAN, Alfred. O Impacto das Crises Políticas e Econômicas sobre as Forças Armadas: Expansão dos Temores Institucionais, 1961-1964. in: Os militares na política. Rio de Janeiro: Ed Artenova, 1975, p. 116.

<sup>7</sup>. ALMEIDA, Maria Hermínia. Carro Zero e Pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: História da Vida Privada no Brasil. Vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 p. 367.

<sup>8</sup>. TOLEDO, Caio Navarro (org). A democracia populista golpeada. In: 1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 36.

<sup>9</sup>. MOURA, Antônio Carlos ... [et al.]; coordenação Helena Salem. Católica: desenvolvimentismo X socialismo. In: A Igreja dos oprimidos. – São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981. Ação, p. 26.

<sup>10</sup>. *Ibidem*, p. 17.

<sup>11</sup>. STEPAN, Alfred. O Impacto das Crises Políticas e Econômicas sobre as Forças Armadas: Expansão dos Temores Institucionais, 1961-1964. In: Os militares na política. Rio de Janeiro: Ed Artenova, 1975, p. 130.

que algumas ordens religiosas sofreram perseguição das autoridades porque eram dirigentes ou membros da AC. Um dos primeiros lugares a sofrer perseguição do governo foi o seminário dos dominicanos, na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, que no dia dois de Abril do ano de 1964, que foi invadido pela Polícia Militar (PM) à procura de freis, que tinham sido denunciados por exercerem atividades subversivas.<sup>12</sup>

Antes do golpe militar o Ipes (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) já vinha estudando a atuação de setores progressistas da Igreja na sociedade, eles consideravam esses grupos muito “perigosos” pelas suas influências marxistas é o que revela Rodeghero ao falar sobre os textos formulados pelo Ipes:

Sobre a atuação do clero, **o texto do Ipes** (grifo meu), ao mesmo tempo em que denuncia a infiltração comunista na “corrente progressista” e entre “um certo clero” e determinados setores da Igreja, entre eles o Movimento de Educação de Base (Meb), a Juventude Universitária Católica e a Juventude Operária Católica (JOC), elogia o esforço dos sacerdotes na luta contra o comunismo, afirmando que existe “uma trabalho permanente, metódico, executado por certos sacerdotes perfeitamente conscientes e suficientemente instruídos quanto às teses mais negativas do marxismo-leninista (Ipes, p. 36).<sup>13</sup>

Mesmo com a prisão de alguns padres, religiosas e religiosos católicos, que vinha ocorrendo desde o início do regime militar até o final da década de 1960, o episcopado brasileiro não se envolveu e nem procurou tomar conhecimento do que estava acontecendo, pois “o *ativismo dos religiosos brasileiros não irritou somente o regime, mas também os membros dos setores mais tradicionais da Igreja*”<sup>14</sup>, que não queriam se opor ao governo, pois queriam recuperar o espaço político que tinham perdido durante a vigência dos governos populistas.

### **Dominicanos em oposição ao regime militar e a ligação com a ALN**

A maioria dos frades dominicanos que moravam no convento na cidade de São Paulo estudava na USP, era uma liberdade que essa ordem permitia, já que na maioria das outras ordens religiosas do país os religiosos estudavam em seminários próprios e viviam em regime de internato. Quase todos eles eram jovens e tinham em comum o histórico de militância nos grupos da AC.<sup>15</sup>

Os dominicanos já tinham uma tradição de militância política fora do Brasil, que vinha desde a Segunda Guerra Mundial na Polônia, onde eles ajudaram os refugiados a se

---

<sup>12</sup> MOURA, Antônio Carlos ... [et al.]; coordenação Helena Salem. Ação Católica: desenvolvimentismo X socialismo. In: A Igreja dos oprimidos. – São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981, p. 27.

<sup>13</sup> RODEGHERO, Carla Simone. O perigo vermelho: O combate ao comunismo de 1945 a 1964. In: O diabo é vermelho: imaginário anticomunista no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 91.

<sup>14</sup> HISTÓRIA VIVA. Temas Brasileiros: A Igreja Católica no Brasil: Fé e Transformações. Edição especial temática nº 2. São Paulo: Duetto, 2007, p. 17-19.

<sup>15</sup> BETTO, Frei. Batismo de Sangue. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed., 1982, p. 48-50.

esconderem das autoridades nazistas. No Brasil eles seguiram com a mesma orientação, dando refúgio aos perseguidos pela repressão militar, por isso um ano depois do golpe militar o governo chegou a cogitar a expulsão dos religiosos do país. O convento dos dominicanos foi invadido várias vezes pela polícia e numa dessas vezes o reitor do convento foi preso pela Polícia Federal porque participou de uma greve que durou 24 horas, feita pela paz no mundo.<sup>16</sup>

A ordem dos freis dominicanos foi um dos primeiros grupos ligados à Igreja Católica a se colocarem diretamente contra o governo, claro que não de forma explícita, mas sempre procurando ajudar seus ex-companheiros de juventude católica a se esconderem da polícia. Grupos esquerdistas, que funcionavam clandestinamente sabendo do auxílio que os freis davam aos perseguidos políticos, também passaram a procurá-los, para que eles ajudassem outros militantes a se refugiarem.

Em pouco tempo quase todos os grupos que faziam oposição ao governo ficaram sabendo da atuação dos dominicanos junto aos refugiados políticos. Carlos Marighela, um revolucionário, temido pelas autoridades, também sabia da atuação dos religiosos e procurou estabelecer uma aliança com os mesmos. Marighela acreditava que para derrubar a ditadura militar era preciso fazer aliança com os membros da esquerda católica.<sup>17</sup> O líder da ALN em seus discursos buscava fazer aproximações com a Igreja Católica, inclusive através de uma carta que ele escreveu ao PCB e que utilizava como exemplo as mudanças e evoluções sofridas pelo catolicismo:

É através das dissidências que a História acerta os seus passos. Há um momento em que as possibilidades de uma proposta – religiosa ou política – parecem esgotar-se sob o peso dos anos, da rigidez de seus princípios, da inflexibilidade de sua disciplina, da intransigência de seus dogmas, da prepotência de seus líderes. Como a fonte seca à beira da estrada, incapaz de saciar a sede dos peregrinos que atraiu, a proposta vê-se rejeitada por seus discípulos dispostos a caminhar sem a tutela que lhes atrasa o passo. Foi o que ocorreu na Palestina do século I, onde o judaísmo, atravancado pelo fundamentalismo moralista dos fariseus e pelo elitismo exclusivista dos saduceus, cindiu-se numa nova, prodigiosa e revolucionária “seita”, cujos membros anunciavam a ressurreição de um jovem crucificado pelos romanos, Jesus de Nazaré. Toda a história da Igreja é como uma teia entrelaçada por experiências místicas e disputas ideológicas, influências culturais e manobras políticas, heresias doutrinárias e inovações pastorais. O centro dessa teia, a fé no Senhor, que permanece intangível. Mas sua extensão em intricados labirintos é, de um lado, sinal da diversidade dos dons do Espírito, e de outro, obra dessa incessante busca que faz do ser humano, em seus anelos de perfeição, o aprendiz de Deus. A dissidência de Paulo quebra o caráter judaizante da primitiva Igreja de Pedro, estendendo-a, como boa nova, aos pagãos, aos limites do Império Romano. Entretanto, opera-se entre os cristãos uma experiência que, embora

---

<sup>16</sup>. *Ibidem*, p. 55.

<sup>17</sup>. BETTO, Frei. Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighela. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed., 1982, p. 23.

carregada de exceções, se constitui na chave da unidade básica através dos séculos: a dissidência não significa, necessariamente ruptura (...).<sup>18</sup>

O discurso do guerrilheiro fez com que os dominicanos se aproximassem cada vez mais da ALN, principalmente porque esse grupo de religiosos também era uma dissidência no seio da Igreja, embora eles não deixassem de serem católicos, ou seja, eles não pretendiam nenhuma ruptura com o catolicismo, eles apenas queriam mudanças para a estrutura da Igreja. Outro fator que os aproximou de Marighela é o fato de que ele consegue casar a teoria marxista com o cristianismo, sabendo-se que já desde o final da década de 50 os setores de esquerda da Igreja Católica já o faziam (a exemplo da AP e das JCs, de onde eram provenientes a maioria dos jovens religiosos dominicanos).

Marighela defendia a guerrilha dizendo que: “*A guerrilha é para defender a causa dos pobres, dos humilhados e ofendidos, dos homens e mulheres de pés descalços*”, esse interesse por defender a causa dos oprimidos aproximava muito os dominicanos de Carlos Marighela. O líder da ALN dizia que a guerrilha não era uma atitude covarde e desumana, muito ao contrário, ela daria tratamento humano e com respeito aos seus adversários e prisioneiros, dessa forma o povo mostraria como é consciente e civilizado.<sup>19</sup>

No ano de 1967 foi a primeira vez que Marighela entrou em contato com os dominicanos, ele os procurou através de um colega desses religiosos. O encontro foi marcado no convento dos dominicanos na cidade de São Paulo, na época o guerrilheiro se apresentou como sendo “*um professor interessado em conhecer melhor a renovação da Igreja Católica*”. Durante o encontro ele não revelou quem era ele, somente ao final deixou claro, quando entregou uns livros aos jovens e disse: “*-São uns livrinhos que andei escrevendo*”.<sup>20</sup> O colega dos dominicanos que fez essa aproximação com Carlos Marighela, também forneceu a eles outros textos elaborados pelo futuro líder da ALN (Aliança Libertadora Nacional).

Com o aumento da repressão policial no ano de 1968, os religiosos dominicanos chegam a conclusão de que não era mais possível agir publicamente para denunciar as injustiças feitas pelo governo, a partir de então eles resolvem agir na clandestinidade. Um desses freis era um repórter chamado Frei Betto, que até então trabalhava num jornal que fazia denúncias sobre o governo, mas que a partir da instituição do AI-5 foi obrigado a se calar.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup>. *Ibidem*, p. 28-29.

<sup>19</sup>. *Ibidem*, p. 38.

<sup>20</sup>. *Ibidem*, p. 45-46.

<sup>21</sup>. *Ibidem*, p. 47-48.

No ano de 1969 Marighela voltou a fazer contato com os dominicanos, ele procurou o frade Betto, pois soube que ele estava indo para o Rio Grande do Sul para se esconder da polícia paulista. Carlos Marighela foi pedir para que ele ajudasse os perseguidos políticos a fugirem para o Uruguai, Frei Betto prontamente aceitou a proposta.<sup>22</sup>

Os jovens que estavam sendo perseguidos pela repressão no meio estudantil, recorriam aos freis dominicanos para pedir auxílio. O primeiro a quem Betto ajudou a sair do país foi um colega de Frei Ivo da USP. A ajuda que Frei Betto fornecia era a seguinte: Os foragidos quando ainda se encontravam em São Paulo eram orientados de quando chegasse a Porto Alegre a encontrar o frei num local pré-estabelecido, lá ele estaria lendo uma revista Veja e o refugiado deveria se aproximar dele falando uma senha. Depois o frade dominicano o explicaria como ele faria a travessia da fronteira e o que ele faria depois que chegasse em território uruguaio. Foram muitas as pessoas que o religioso ajudou a atravessar a fronteira para o Uruguai, a grande maioria jovens estudantes.<sup>23</sup>

Os dominicanos ajudavam os perseguidos políticos a fugirem do país e a se esconderem, porque para eles essa era a missão dos cristãos, ajudarem a combater as injustiças, mesmo que tivessem que se colocar contra o governo. Frei Betto deixou um depoimento que esclarece qual a motivação desses religiosos em se envolverem em questões políticas:

(...) o cristianismo é essencialmente transformador e essa revolução não se limita à história, culmina na transcendência. Jesus anunciou o Reino, a transformação radical deste mundo segundo o projeto **libertador** (grifo meu) do Pai. Onde há justiça, liberdade e amor, aí estão as sementes do Reino de Deus (...) Jesus assume a identidade dos oprimidos. (...) “Estive preso e viestes ver-me” (Mateus 25, 35-36)”. **Servir à causa de libertação dos pobres** (grifo meu) é servir a Cristo. Uma parte da Igreja afastou-se historicamente da proposta evangélica. Trocou a aliança com o povo pela aliança com o poder. E o capital simbólico da nossa fé foi apropriado pelos opressores. (...) Na América Latina, a religião cristã não seria mais o ópio do povo e o ócio da burguesia. Seria, sim, sinal de contradição, pedra de escândalo, fogo que queima e aludia, espada que divide. Já não se poderia servir a Deus e ao dinheiro<sup>24</sup>.

Os dominicanos desde o golpe militar ficaram na mira dos militares, no entanto a polícia não tinha tido motivos o suficiente para levá-los à prisão. A partir de 1968 com o endurecimento do regime os religiosos passaram a ser cada vez mais monitorados pelos órgãos de repressão, através de escutas telefônicas e de agentes que freqüentavam as missas no mosteiro dos dominicanos para verificar o teor dos seus sermões. A ligação dos dominicanos foi descoberta por um agente do DOPS que se infiltrou na ALN. O delegado

---

<sup>22</sup>. *Ibidem*, p. 57.

<sup>23</sup>. *Ibidem*, p. 59-60.

<sup>24</sup>. *Ibidem*, p. 61.

Sérgio Paranhos Fleury que estava à frente das ações da OBAN prendeu os freis dominicanos Fernando e Ivo. Os dois frades foram levados ao Cenimar (Centro de Informações da Marinha), onde foram submetidos a interrogatórios entre seções de choques elétricos e pau-de-arara.<sup>25</sup>

A prisão dos dominicanos foi uma armação do delegado Fleury para prender Marighela e desestruturar o auxílio que os membros da Igreja davam aos movimentos revolucionários. Além de torturas, os freis foram submetidos a ofensas para desqualificá-los moralmente, como relata Fico: “Padres e bispos eram acusados de romper o celibato eclesiástico”, além de também serem chamados de homossexuais e pedófilos.<sup>26</sup>

Carlos Marighela foi morto numa emboscada armada pelo delegado Fleury, os dominicanos foram levados a público pelas autoridades e mostrados à imprensa como colaboradores da morte do líder guerrilheiro. Dentro dos movimentos de esquerda os religiosos ficaram desmoralizados e foram considerados durante algum tempo os traidores da esquerda brasileira.

Mesmo depois da prisão dos dominicanos e de toda repercussão que ela causou no país e no exterior, o episcopado brasileiro ainda mantinha ligações com o governo militar. Não houve uma ruptura drástica entre a Igreja e os militares, como em geral se acreditava até então, o que houve foi um acordo entre os bispos e o governo, no qual ao último caberia controlar os abusos impostos aos seus opositores e aos outros tentar um apaziguamento entre o governo e a sociedade. Documentos do acervo do general Murici comprovam essa ligação desconhecida até então chamada de “*Comissão Bipartite*”.<sup>27</sup>

### **Considerações finais**

A participação dos freis dominicanos na política brasileira como já mencionado neste artigo não se dá apenas após o “golpe militar de 1964”, ela é muito anterior a isso. Pela formação desses religiosos se darem dentro dos grupos da AC é de lá que eles tiraram todo o seu referencial e o seu posicionamento político. Grupos católicos ligados à esquerda política mesmo antes do Concílio Vaticano II de 1962, já vinham fazendo mudanças na Igreja Católica no Brasil, padres da baixa hierarquia da Igreja já pregavam sobre as questões sociais do país em seus sermões.

A partir da década de 1960 é possível observar na Igreja Católica uma profunda divisão, que de um lado se encontrava a Igreja Conservadora, que não queria nenhum tipo de mudanças e que principalmente queria manter a estrutura de poder já existente, no qual

---

<sup>25</sup> . FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: O Brasil Republicanos: o tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 179.

<sup>26</sup> . *Ibidem*, p. 180.

<sup>27</sup> . *Ibidem*, p. 174, *apud* Serbin, 2001.

englobava a elite social e uma grande parcela da classe média e de outro lado se encontrava a Igreja Progressista que cada vez mais ganhava força e que era responsável por todas as mudanças ocorridas na Igreja nos últimos anos, essa representava as grandes massas populares e uma pequena parcela da classe média que era em sua maioria composta por estudantes.

No entanto com o golpe de 1964 os grupos de Ação Popular e da Ação Popular Católica foram cada vez mais reprimidos pelo governo. Essas pessoas não podendo mais utilizarem esses grupos para fazerem oposição ao governo, começaram a atuar em movimentos clandestinos. Os jovens remanescentes da AC que entraram para a ordem dos dominicanos no início da década de 1960 como não podiam se desligar da Igreja, passaram a dar apoio aos ex-integrantes dos grupos progressistas católicos. Apesar de antes do golpe militar existirem muitos grupos católicos de esquerda, os dominicanos foram os únicos ligados diretamente à Igreja Católica que se colocaram abertamente contra o governo, inclusive participando junto a movimentos guerrilheiros.

O objetivo do auxílio dos dominicanos à ALN era conseguir derrubar o regime militar autoritário, para que fosse possível construir uma sociedade mais justa e igualitária. Esses religiosos acreditavam que esse era o dever da religião, ou seja, estar a serviço dos pobres e oprimidos mesmo nos casos mais extremos, tanto que esses freis entendiam a crítica de Marx à religião como algo positivo, pois para a Igreja Católica não ser o “ópio do povo” era necessário que ela não somente abrisse os olhos dos seus fiéis referentes a questões políticas e às questões sociais, mas que também lutasse junto com o seu povo pela justiça social.<sup>28</sup>

Portanto é importante conhecer a participação de membros da ordem dominicanos na resistência ao regime militar, pois eles foram um dos primeiros grupos católicos no Brasil a terem uma postura mais radical ligada à esquerda e conseqüentemente acabaram influenciando muitos outros membros da Igreja Católica no Brasil que vieram a atuar no cenário político posteriormente.

#### **Referências:**

- ALMEIDA, Maria Hermínia. História da Vida Privada no Brasil. Vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BETTO, Frei. Batismo de Sangue. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed., 1982.
- CARVALHO, José Murilo. A cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FICO, Carlos. O Brasil Republicanos: o tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Record, 2004.

---

<sup>28</sup>. ROLIM, Francisco Cartaxo, BITTENCOURT FILHO, José e HORTAL, Jesús. Cristianismo e materialismo histórico. In: Novos Movimentos Religiosos na Igreja e na Sociedade. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 24.

- HISTÓRIA VIVA. Temas Brasileiros: A Igreja Católica no Brasil: Fé e Transformações. Edição especial temática nº 2. São Paulo: Duetto, 2007.
- MOURA, Antônio Carlos ... [et al.]; coordenação Helena Salem. A Igreja dos oprimidos. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981.
- RODEGHERO, Carla Simone. O diabo é vermelho: imaginário anticomunista no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- ROLIM, Francisco Cartaxo... [et al.] Novos Movimentos Religiosos na Igreja e na Sociedade. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- STEPAN, Alfred. Os militares na política. Rio de Janeiro: Ed Artenova, 1975.
- TOLEDO, Caio Navarro (org). 1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.